

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: GUSTAVO HENRIQUE CIRELI

TÍTULO: JORNALISMO POLICIAL EM FRUTAL: UMA ANÁLISE MULTI-MÍDIA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

AUTORES: RODRIGO DANIEL LEVOTI PORTARI, GUSTAVO HENRIQUE CIRELI, RODRIGO DANIEL LEVOTI PORTARI, GUSTAVO HENRIQUE CIRELI

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PApq/UEMG

PALAVRA CHAVE: JORNALISMO POLICIAL, PRÁTICAS JORNALÍSTICAS, FRUTAL, RÁDIO, JORNAL IMPRESSO

RESUMO

O projeto trata e investiga a prática do jornalismo policial em Frutal-MG no que tange à atuação da imprensa. Atualmente existem duas emissoras de rádio que contam com programa de radiojornalismo diário (97FM e 102FM), dedicando cerca de 40 minutos a notícias criminais, além de um jornal impresso (Pontal) que tem como foco principal o jornalismo policial. O que mais chama a atenção nas notícias divulgadas é a forma como isso ocorre. Nas rádios o quadro policial é apresentado por dois militares da ativa, Cabo Lélío (97FM) e Sargento Cleuder (102FM). Mais que comentar, eles assumem o papel de apresentadores. De segunda a sábado fazem a leitura de ocorrências, divulgam nomes, endereços e dados que expõem autores e vítimas. Aqui reside a inquietação do projeto: é esperado do jornalismo um trabalho de apuração que envolva ouvir todos os lados de um fato. Isso não ocorre nos quadros policiais, colocando em xeque a prática jornalística. Articulando as emissoras com o jornal Pontal, detectamos semelhanças nas notícias policiais. As reportagens são baseadas nos históricos das ocorrências e, quando muito, na versão oficial. Não há a prática de se procurar advogados, autores ou vítimas, apresentando uma notícia incompleta para os leitores. Acompanhamos 15 dias a programação policial das emissoras e do jornal impresso e articulamos as práticas jornalísticas com as teorias de autores como ERBOLATO (2006), REGINATO (2016), FUCCIA (2008), TRAQUINA (2008) e PENA (2015). Detectamos a existência de uma influência da prática das emissoras no jornal impresso. Em ambos os casos o noticiário policial é feito apenas a partir de registros de ocorrência e "falas oficiais", sem espaço para os demais envolvidos. O trabalho de apuração é substituído apenas pela transformação da linguagem: a linguagem dos boletins de ocorrência é transformada pelas técnicas jornalísticas, sem apuração. A figura do repórter sofre um apagamento, restando aos receptores das notícias apenas uma versão dos fatos.